



GAZETA DE ALAGOAS

Maceió, 20 de julho de 2001

Mulheres

Alagoanas



Joana Cajuru

PATROCÍNIO:



Leda Maria de Almeida

Joana Gajuru

Guerreira do povo, Menestrel do folclore

Certa feita, em meio a uma festa, quando da apresentação improvisada de um guerreiro, Joana Gajuru, já com mais de cem anos, exclamou em cantoria com a voz se esvaindo: "Sou guerreira alagoana. Nasci para cantar guerreiro". Os versos dessa pessoa incomum ajustam-se bem à sua própria história de mulher do povo, que à custa de muita gana sobreviveu e soube - com humor -, dar graças à vida, transformando-se a si mesma num símbolo de "uma gente que ri, quando deve chorar"

Curioso como para algumas pessoas, a dura realidade da sobrevivência, as humilhações e a pobreza não se constituem em infelicidade, mas em coisas que chegam para ser transformadas, como se devêssemos fazer com que as circunstâncias miseráveis da nossa vida convertam-se em acontecimentos positivos, eternos ou em vias de eternidade.

Joana Gajuru foi guerreira em todos os sentidos. Por ser mestra dessa famosa manifestação do folclore alagoano, que é o Guerreiro, e também por se tratar de uma mulher de fibra, sempre à frente de seu tempo, que se rebelou contra o preconceito, rompeu costumes vigentes, ensinou a receita do seu guerreiro para seus pares, celebrando a simplicidade e a alegria.



Essa mulher magra, negra, de gestos fortes e singelos, curvada pelo século de existência, viveu num contexto de opressão, mas tomada de coragem, encarava quem ousasse tripudiá-la. Daí, talvez, a razão de ser chamada - por vezes - de mulher-macho. Seu jeito despojado, ao contrário das moçoilas da época, chamava a atenção de todos. Ao invés da blusa, um paletó. Saia comprida, botina nos pés, cabelo cortado tipo militar e chapéu de palha. Para completar o visual e como a querer justificar a fama de valente que corria na região, portava um revólver e um

punhal na cintura. Apreciava um grosso cigarro de corda, e sua bebida preferida era aguardente. Essa é a descrição feita por Ranilson França, um dos maiores folcloristas do Estado, que conheceu de perto Joana Gajuru.

Como grande parte das mulheres brasileiras, cujo véu do esquecimento cobre suas histórias, Joana Gajuru também se ressentia de um passado com poucos registros. A data exata de seu nascimento ainda hoje é ignorada. Os que a conheceram e com ela conviveram afirmam que teria vivido mais de 120 anos. O fato é que inexistem documentos que possam comprovar seu nascimento. Aliás, o único documento de Gajuru é um batistério que ninguém dá conta de onde ele possa estar. Seus filhos adotivos, Salette Satório de Oliveira, conhecida como Nete Gajuru, e Carlos Satório de Oliveira, Carlos Gajuru, alguns mestres de Guerreiro e folcloristas apostam na data de 26 de agosto de 1866 como marco de seu nascimento, baseados em histórias contadas pela própria Joana Gajuru.

De menina-moça a mulher guerreira

Joana Maria da Conceição nasceu na pequena Lagoa da Canoa, interior de Alagoas. Filha caçula da mãe solteira Rosa Maria da Conceição, tão logo veio ao mundo ganhou o apelido de Joana Gajuru, alcunha atribuída pelos senhores de engenho aos negros nascidos nos arredores dos bangüês, naquela época. "Quando nascia um negro, os senhores de engenho gritavam logo: nasceu um Gajuru", lembra Salette Satório, sua filha.

A menina Gajuru, em sua infância, perambulava com sua mãe e seus cinco irmãos pelo

interior das Alagoas. Um dos lugares que fez moradia foi a cidade do Pilar. Nas ruas e fazendas, cresceu conhecendo o peso do trabalho infantil, desconhecendo o banco escolar e os possíveis diplomas. Contudo, conheceu e reconheceu-se nos ritmos dos tambores, nos sons dos maracás, nas cores e pedrarias dos trajes que usava em noites de festa.

Mal completava 17 anos, Joana Gajuru apaixonou-se por um rapaz de nome João, oleiro de profissão, com quem resolveu fugir. A união, no entanto, durou apenas seis meses. O motivo da ruptura teria sido o preconceito racial, acontecendo dentro do próprio espaço doméstico. João, rapaz de pele clara, evitava sair às ruas com a companheira, bem como negava-se a apresentá-la à família, razão pela qual levou Gajuru a compreender que ele se envergonhava dela, possivelmente por ser negra. Indignada, expulsou-o de casa. Fez um juramento e o



A beleza feminina realçada no guerreiro



A bela evolução dos artistas populares na praça

cumpriu à risca pelo resto da vida: "Nunca mais Joana vai esquentar costela de homem nenhum nesta vida. Homem, nunca mais". Essa exclamação tornou-se - de fato -, uma profecia.

A partir de então, dedicou sua vida ao corte da cana-de-açúcar, adotou crianças, as quais criou como filhos legítimos, e assumiu o guerreiro como a tarefa mais prazerosa, a missão mais sublime, o desafio mais tentador, a aguardente mais saborosa.

Além do trabalho extenuante no canavial, onde se destacava na agilidade no corte de cana, na cidade do Pilar, diversificou sua forma de sustento nas águas da lagoa Mundaú. Comprava peixe nas embarcações trazidas pelos pescadores, à margem da lagoa, para revendê-los na feira livre da cidadezinha. Mas Joana se destacava não como vendedora e sim na atividade de liderar pessoas.

Com o desaparecimento dos engenhos bangüês, que cediam espaço para as usinas, Joana trabalhava como intermediária, contratando mão-de-obra para plantio e colheita da cana-de-açúcar. Inúmeros grupos com mais de 70 pessoas trabalhavam sob sua

batuta. Foram cerca de 90 anos, na dura lida, de sol a sol, em usinas da Zona da Mata alagoana, entre elas as usinas Brasileiro e Triunfo.

Os dias úteis (será que podemos chamá-los de dias úteis?) eram destinados ao trabalho quase escravo. Mas os finais de semana sempre aguardavam para uma grande catarse, dando-lhe a oportunidade de - através da cultura -, entrar num universo capaz de fazer esquecer nosso pobre destino humano.

Olê, mulher guerreira!

Em 1970, deixou a cidade do Pilar e mudou-se com a família para Maribondo, município do interior de Alagoas, que fica a 94 quilômetros da capital. Conta Salete, sua filha, que "de 1970 a 1982, ela não perdeu nem um só ano de guerreiro aqui em Maribondo. Todo ano estava na brincadeira sem deixar passar em branco".

Joana Gajuru surge para o folclore alagoano como um dos expoentes da cultura popular. Comandou por longos anos grupos de Guerreiro, folguedo que aparece em Alagoas no século XX, entre os anos de 1927 e 1929.



Exibição de crianças nas festas natalinas

Entrar no guerreiro é como entrar num mundo cheio de figuras arquetípicas, pois é composto por dançadores e cantadores, que se transmutam, se vestem de personagens, de reis, rainhas, embaixadores, vassalos, palhaços, borboletas, estrelas, sereias, entre outros.

Em épocas natalinas, apresentam-se exibindo suas indumentárias e adereços supercoloridos. Os chapéus - em formato de fachadas de igrejas suntuosas -, são ricamente enfeitados com laços e contas de todas as cores, além de espelhos. Esses espelhos não são meros enfeites, representam - sobretudo - um amuleto, pois crêem os guerreiros que a inveja ou outros males desejados àqueles que usam o chapéu, ao bater nos espelhos, refletirá de volta para quem o desejou.

A tradição mandava que só os homens deveriam chefiar o Guerreiro, e é justamente nossa protagonista que irá romper essa tradição, num gesto claro de subversão de costumes. Gajuru montou seu próprio grupo e o liderou em ensaios e apresentações durante 70 anos como informa sua filha Salete.

Seu Guerreiro estava formado de muitos episódios, composto de 25 partes e 32 personagens. Com sabedoria, a mestra maior escolhia os mestres que deveriam criar as peças (músicas) do Guerreiro. Tinha, pois, a sensibilidade de identificar os poetas populares e os cantadores. Zé Anjo, um de seus mestres, que com ela conviveu durante 13 anos assim afirma: "A comadre Joana foi a maior representante da brincadeira em Alagoas. A maior que já apareceu por essas bandas."

Não pense o leitor que Joana Gajuru, em sua simplicidade, era chegada a improvisos, muito



Clímax de um auto natalino

pele contrário, os ensaios do seu guerreiro começavam nos primeiros meses do ano, durante os finais de semana, para assegurar-se que no dia 24 de dezembro, as apresentações estariam impecáveis, dignas dos aplausos da platéia e regozijo dos seus componentes. Ao se aproximar o mês de dezembro, mês oficial das apresentações, uma outra tarefa haveria de ser cumprida: chegara a hora de organizar o remonte, ou seja, de confeccionar os novos trajes, recuperar outros já existentes. Então, deslocava-se para a capital a fim de comprar tecidos, fitas, agulhas e adereços para - em mutirão-, produzir as fantasias.

A caravana do folclore

Eram os senhores de engenho, depois os usineiros que incentivavam a manifestação dessa festa popular, a fim de animar as noites de Natal. Contudo, o Guerreiro de Joana não se contentava com as apresentações nas fazendas e usinas. Corria mundo, nos quatro cantos do Estado

Leda Maria de Almeida

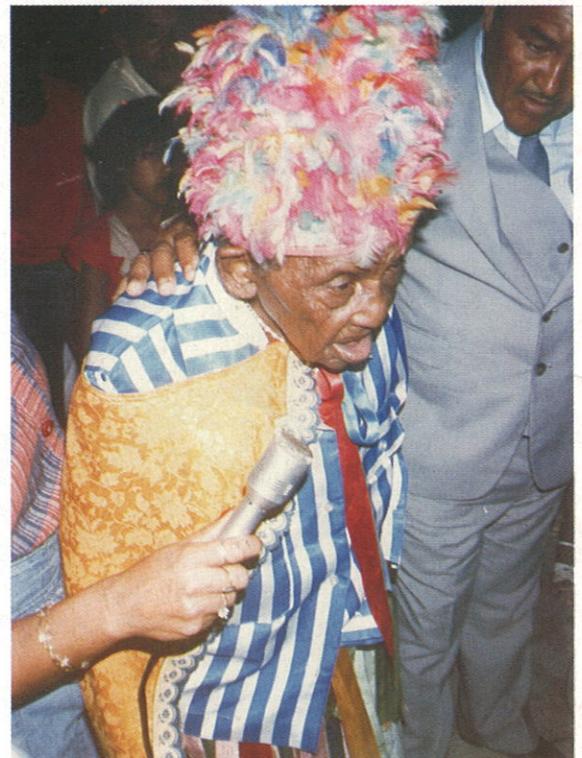
Joana Gajuru

Guerreira do povo, Menestrel do folclore

Certa feita, em meio a uma festa, quando da apresentação improvisada de um guerreiro, Joana Gajuru, já com mais de cem anos, exclamou em cantoria com a voz se esvaindo: "Sou guerreira alagoana. Nasci para cantar guerreiro". Os versos dessa pessoa incomum ajustam-se bem à sua própria história de mulher do povo, que à custa de muita gana sobreviveu e soube - com humor -, dar graças à vida, transformando-se a si mesma num símbolo de "uma gente que ri, quando deve chorar"

Curioso como para algumas pessoas, a dura realidade da sobrevivência, as humilhações e a pobreza não se constituem em infelicidade, mas em coisas que chegam para ser transformadas, como se devêssemos fazer com que as circunstâncias miseráveis da nossa vida convertam-se em acontecimentos positivos, eternos ou em vias de eternidade.

Joana Gajuru foi guerreira em todos os sentidos. Por ser mestra dessa famosa manifestação do folclore alagoano, que é o Guerreiro, e também por se tratar de uma mulher de fibra, sempre à frente de seu tempo, que se rebelou contra o preconceito, rompeu costumes vigentes, ensinou a receita do seu guerreiro para seus pares, celebrando a simplicidade e a alegria.



Essa mulher magra, negra, de gestos fortes e singelos, curvada pelo século de existência, viveu num contexto de opressão, mas tomada de coragem, encarava quem ousasse tripudiá-la. Daí, talvez, a razão de ser chamada - por vezes - de mulher-macho. Seu jeito despojado, ao contrário das moçoilas da época, chamava a atenção de todos. Ao invés da blusa, um paletó. Saia comprida, botina nos pés, cabelo cortado tipo militar e chapéu de palha. Para completar o visual e como a querer justificar a fama de valente que corria na região, portava um revólver e um

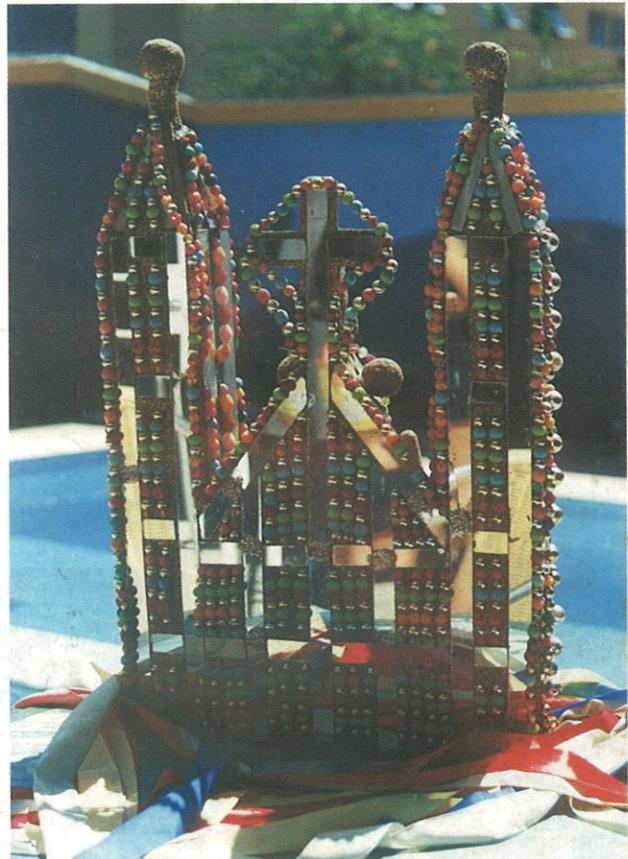
(hoje jornalistas), Maikel Marques e Patrícia Iara, fizeram como trabalho de conclusão de curso, um belo site sobre sua vida.

Um dos melhores grupos teatrais de Alagoas trabalha com mestria os elementos do folclore e do folguedo e intitula-se Associação Teatral Joana Gajuru. Ailton Protaso, componente do grupo, teve oportunidade de conhecê-la. Ao contar a saga de Gajuru para o grupo, o fascínio foi geral. Os artistas, então, migraram para Maribondo a fim de pesquisar profundamente sobre sua vida. Quanto mais conheciam, mais confirmavam a certeza: é este o nome! A Associação Teatral Joana Gajuru foi criada no ano de 1995. O espetáculo "Olé, olé, Gajuru, o Guerreiro é você" foi apresentado mais de 20 vezes, inclusive fora do Estado, sendo também premiado num festival em Santa Catarina. Segundo Régis de Souza, um dos fundadores do grupo teatral, "a relação com Joana Gajuru vai além do nome. Sente-se uma energia a cada espetáculo. E o engraçado é que, às vezes, sentimos a presença dela. Quando alguma coisa não fica boa, dá errado, a gente brinca: êta, parece que ela não gostou muito disso."

Não obstante o inquestionável talento do grupo, há de se supor uma certa magia, pois a cada apresentação da Associação Teatral Joana Gajuru, parece que

podemos avistar a luz da estrela distante brilhando nos nossos olhos e uma leve carícia acontece em nossas almas.

Seria Joana Gajuru, além de guerreira, a fada madrinha das artes, esperada por nós, empedernidos materialistas?



Chapéu do guerreiro: o objeto mais amado por Joana Gajuru

MEMÓRIA FEMININA DE ALAGOAS